

Trilogia Millenium

Por Marcos Rolim

A literatura de mistério ou o gênero conhecido como “romance policial” já produziu muitas obras primas em todo o mundo. Pode-se conhecer uma delas lendo-se a trilogia “Millenium” do sueco Stieg Larsson (“Os Homens que não amavam as mulheres”, A menina que brincava com fogo” e A rainha do castelo de ar”, editados pela Companhia das Letras). Larsson morreu precocemente, aos 50 anos, logo após entregar aos seus editores os originais de seus romances, em 2004. Ele foi um militante trotskista e importante ativista pelos direitos humanos na Suécia. Atuou como jornalista, denunciando organizações de extrema direita e racistas, o que lhe valeu várias ameaças de morte.

A trilogia conta a história de Mikael Blomkvist, um jornalista especializado em economia que construiu uma sólida reputação por sua postura independente e investigativa. Suas matérias revelavam o mundo de golpes baixos construído por alguns dos grandes investidores e especuladores suecos. No meio do caminho, Blomkvist irá se deparar com uma trama muito complexa que envolve os serviços de espionagem na Suécia em um quebra-cabeça no qual se destaca a jovem Lisbeth Salander, uma *punk-hacker* de comportamento estranhíssimo a quem o Estado sueco designou um tutor, vez que muitos duvidavam de sua sanidade mental. Os dois irão se encontrar ao longo dos três romances e irão descobrir.... bem, aí será preciso ler os livros.

A trama policial revela muito da realidade contemporânea e livros como o de Larsson terminam “pegando” a gente de um jeito que é impossível largá-los. Os romances podem ser lidos apenas como entretenimento, mas o leitor poderá encontrar, se quiser, muito mais. Ali estão alguns dos temas mais importantes de nossa época: a intolerância e a violência, os dilemas éticos e o jornalismo, a espionagem e a internet, as perversões sexuais e o amor, entre muitos outros. Não há como ler Larsson, entretanto, sem passar a ver o jornalismo econômico com outros olhos.

Agora, depois da crise que abalou os mercados financeiros em todo o mundo, percebe-se que muitas das situações do romance parecem profetizar o que estamos assistindo. Ocorre que não há nada de profético nele. Como bom jornalista e com as informações que dispunha, Larsson criou situações que “espelharam” na ficção o que a realidade lhe trazia. A questão é: por que os especialistas em jornalismo econômico em todo o mundo não foram capazes de alertar o perigo que nos rondava? Há algo de investigativo, afinal, no trabalho destes profissionais? Quantos deles se satisfazem em reproduzir em suas colunas a opinião das empresas de consultoria, dos economistas e analistas financeiros ou dos próprios agentes que operam no mercado?

Talvez, no fundo, a idéia que se tem comumente sobre o que seja um “bandido” é que atrapalhe tudo. Afinal, especuladores de terno e gravata, com hábitos refinados e grandes contas bancárias, parecem não caber na idéia de delinqüência. Parecem.